

# **A questão do gênero e sua influência na educação ambiental**

## **The issue of gender and its influence on environmental education**

**Ariel Pereira Fernandes do Nascimento**

FFP UERJ

ariel.bioufrj@gmail.com

### **Resumo**

O presente ensaio crítico visa discutir as relações estabelecidas com o meio ambiente bem como a questão da influência do gênero sobre o mesmo.

Sendo assim far-se-á necessário compreender a relação do feminino com a natureza dentro do paradigma desenvolvimentista bem como uma reflexão acerca das possibilidades de reconstrução do gênero dentro de uma perspectiva ambiental. O movimento feminista foi de suma importância para a compreensão e demonstração da necessidade de equidade na distribuição do poder fazendo com que as mulheres sejam vistas como responsáveis pela manutenção do planeta e reconstrução de sua própria identidade.

**Palavras chave:** gênero, reconstrução, meio ambiente e educação ambiental.

### **Abstract**

The present critical essay aims to discuss the relations established with the environment as well as the question of the influence of gender on it.

Thus, it will be necessary to understand the relation of the feminine to the nature within the developmental paradigm as well as a reflection about the possibilities of reconstruction of the genre within an environmental perspective. The feminist movement was of paramount importance for understanding and demonstrating the need for equity in the distribution of power by making women seen as responsible for maintaining the planet and rebuilding its own identity.

**Key words:** Gender, reconstruction, environment and environmental education.

### **Introdução:**

A educação ambiental pode ser vista de diversas formas quando levamos em consideração as diferentes correntes que a definem e que concebem a prática de ação educativa. Não podemos pensar na educação ambiental sem antes definir o termo meio ambiente dentro de algumas perspectivas importantes decorrentes na abordagem deste artigo. “Consideremos inicialmente o meio ambiente – natureza (para apreciar, para respeitar, para preservar).” (Sauvé, 2005)

É importante salientar que as relações que estabelecemos hoje com a natureza não são de afeto e cuidado, o homem tem visado lucro, quebrando assim qualquer vínculo harmonioso com o meio ambiente. A seguir, “o meio ambiente – recurso (para gerir, para repartir).” (Sauvé, 2005), onde temos visto todas as formas de produtividade e crescimento da agricultura para suprir a demanda da população e gerir assim os recursos necessários para a manutenção da sociedade. Trabalharemos dentro destas duas perspectivas a fim de abordar um pouco da corrente feminista e a influência do gênero dentro da educação ambiental.

“Da corrente da crítica social, a corrente feminista adota a análise e a denúncia das relações de poder dentro dos grupos sociais. Mas, além disso, e quanto às relações de poder nos campos político e econômico, a ênfase está nas relações de poder que os homens ainda exercem sobre as mulheres, em certos contextos, e na necessidade de integrar as perspectivas e os valores feministas aos modos de governo, de produção, de consumo, de organização social.” (Sauvé, 2005)

Podemos observar nos dias atuais uma mudança significativa do propósito do movimento feminista, onde inicialmente era denunciar relações de poder entre homens e mulheres, mas nos dias de hoje visa à reconstrução das relações de gênero.

Quando a ótica de transformação é pelo viés de reconstruir e não denunciar, podemos buscar estabelecer relações harmoniosas que são imprescindíveis para uma prática com o meio ambiente e uma educação ambiental onde temos todas as partes envolvidas com um mesmo objetivo: manutenção da natureza.

Para compreendermos a influência do gênero na natureza, ao longo deste artigo abordaremos a relação do feminino com a natureza dentro do paradigma desenvolvimentista, deixando bem explícito a transitoriedade entre o conceito meio ambiente-natureza para meio ambiente-recurso, culminando em ações predatórias e a ação de exploração. Através dessa abordagem, far-se-á necessário uma reflexão acerca das possibilidades de reconstrução do gênero dentro de uma perspectiva ambiental.

Sendo assim, esse artigo visa discutir e contribuir com essa temática bem como instigar e promover uma reflexão mais profunda sobre o assunto.

### **O movimento feminista e a educação ambiental:**

Annette Greenall Gough (1998) aponta que durante os eventos internacionais que fundaram a educação ambiental, não há o destaque de contribuição das mulheres e a autora faz uma crítica em relação ao “desenvolvimento sustentável”, termo este construído dentro da educação ambiental.

Darlene Clover e colaboradores (2000) afirmam que uma perspectiva feminista é também um processo de conscientização, sendo uma educação que visa transformar as mulheres incluindo sua realidade cotidiana e sua própria experiência. O movimento busca empoderar as mulheres aliado a um processo político que busca exterminar as estruturas opressivas. Integrar um olhar feminista faz-se de forma necessária no interior da esfera ambiental, pois através dele pode-se fornecer um olhar crítico diante dos problemas ambientais que afetam os diferentes grupos, particularmente o de mulheres.

Clover et al (2000) afirmam que as mulheres são as primeiras a intervir na educação ambiental, pois isso se inicia em seus lares e comunidades através de uma compreensão particular e cita que as mulheres estiveram envolvidas no ensino da medicina tradicional e nos cuidados de saúde, em colher as sementes e em manter a biodiversidade, em cultivar e preparar os alimentos, em trabalhar a mata e em administrar a provisão de água. Estas

habilidades são cada vez mais essenciais frente à degradação do meio ambiente (...). As mulheres desenvolveram no cotidiano e estratégias de sobrevivência em que se deve inspirar a sobrevivência do planeta. Suas idéias e suas ações traduzem outra compreensão das problemáticas atuais.

### **O paradigma desenvolvimentista e a mudança da relação do gênero feminino com o meio ambiente:**

Enxergar o meio ambiente numa perspectiva utilitarista, visando extrair do mesmo os recursos como um lugar inerte a ponto de ser explorado é advindo do paradigma desenvolvimentista. Siliprandi (2000) afirma que podemos fazer uma associação com a exclusão das mulheres da agricultura, onde seu conhecimento ecológico foi sendo perdido e inferiorizado.

Segundo Siliprandi(2000), o trabalho das mulheres era baseado na sustentabilidade, descentralização e a busca pelo sustento da maioria sem que tivesse desperdício dos recursos. Houve uma transição para a monocultura através da ruptura com as relações tradicionais, fazendo com que a mulher perdesse parte da sua renda e emprego e conseqüentemente o acesso ao poder.

Shiva (1991) acredita que só poderia ser revertido esse quadro através da recuperação do princípio feminino, vendo a natureza como um organismo vivo e a mulher como produtiva e ativa, situando a ação e atividades que promovam a vida.

De acordo com o movimento feminista essa reversão daria voz às mulheres na tomada de decisões acerca de qualquer instância da natureza na perspectiva desenvolvimentista e buscando assim minimizar as ações exploratórias dos recursos para a produção em massa do mundo capitalista.

Faz-se necessário darmos um enfoque no gênero, onde incorporar ações de homens e mulheres na política e programas, garantindo assim uma participação mais efetiva e na possibilidade de construir propostas que de fato contemplem a garantia desta ação, não por nascerem mulheres, mas por tornarem-se mulheres através da sua própria construção social e histórica que são capazes de contribuir para a tomada de qualquer decisão que seja pertinente ao meio ambiente que também estão inseridas.

A partir do momento que não conseguimos assumir a invisibilidade da mulher até mesmo na agricultura, não conseguiremos reconstruir as relações de poder.

Siliprandi (2000) questiona se incorporar os conhecimentos e as preocupações das mulheres nas propostas de mudanças seria uma valorização suficiente para provocar uma mudança mais profunda na divisão sexual do trabalho e na hierarquização entre os gêneros.

Discutiremos isso mais a frente dentro da reflexão da reconstrução dos gêneros na perspectiva da educação ambiental.

### **Será possível equacionar a relação do gênero com o meio ambiente?**

Pensando em responder a essa pergunta, Sorj (1992) acredita que deve ser tratada com cuidado a dimensão natural do feminino, pois foi a partir dele que se construiu um sistema de discriminações e exclusões.

Garcia (1992) acredita que há a necessidade de transformar não só as noções sobre gênero como a atual divisão de trabalho e de recursos.

Sendo assim podemos destacar a importância dos movimentos sociais para articular estas questões e inserir os anseios que perpassam esse processo de equacionar a relação do gênero com o meio ambiente.

As articulações dos movimentos sociais se dão pela minoria, onde a busca é compreender quais são os excluídos e reconhecer que há uma diversidade social que não pode ser negligenciada ou silenciada. Ao longo da história, os movimentos sociais foram se tornando diversificados e alguns buscam trabalhar a questão do gênero na perspectiva da igualdade de direitos, rompendo assim com a barreira existente entre homens e mulheres e conquistando a distribuição de poder e outras desigualdades que perpassam quando são consideradas essas questões.

Segundo Castro & Abramovay (2005), programas administrados por ONGs feministas ou do movimento de mulheres tem como objetivo a conscientização e capacitação para lidar com o meio ambiente e seus efeitos na saúde e no corpo da mulher.

Repensar sobre essas relações de gênero e meio ambiente e tentar equacionar essa questão alegando que se é possível estabelecer isso, pois as mulheres são mais cuidadosas, sensíveis, preocupadas com os deveres domésticos e no mínimo reforçar um estereótipo e uma cultura na qual o homem sempre será visto como provedor e a mulher aquela que é submissa e não atua na esfera ambiental, mas apenas a enxerga de forma distante e contemplativa.

Para Viezzer (1997) os projetos de plantas e ervas medicinais e todos os que apresentam uma sabedoria acumulada e escondida nas mãos das mulheres seria uma possibilidade de equacionar as relações.

De acordo com O Instituto ECOAR, há um artigo publicado como tema ‘‘Relações de gênero na educação ambiental’’, onde o mesmo defende a existência de uma ligação entre o pensamento do ‘‘homem’’ ocidental e a cultural patriarcal. Sendo assim, o movimento em defesa do meio ambiente traz em seu bojo o caráter de libertação das mulheres, assim como o feminismo busca a reidentificação positiva entre a mulher e a natureza.

Equacionar essas relações seria possível através do viés de resgate do feminino, este que foi negligenciado e inferiorizado por uma cultura machista e dominante, porém modificar este paradigma não é algo impossível mas que necessitaria de intervenções políticas e sociais aliadas a uma educação ambiental que abarcasse essas questões.

### **Como poderíamos resgatar a figura feminina na atuação do meio ambiente?**

Pacheco (1997) defende o resgate de ‘‘quintais’’, local criado em torno da casa onde são criados os animais domésticos e feito um pomar onde são realizadas as tarefas de agro industrialização caseira. Esse espaço poderia ser um fator de aumento de renda e enriquecimento da dieta alimentar. Ela acredita que poderia haver uma combinação com as culturas comerciais, tomando como princípio a agroecologia, evidenciando assim o trabalho da agricultura familiar por parte das mulheres e resgatando assim as alternativas de produção.

Vejo como uma maneira de podermos em primeiro caso, considerar essa forma de resgate como algo que pudesse ser inicialmente incorporado em projetos comunitários, onde pudesse ser implantado e discutido e as mulheres se sintam pertencentes deste processo e não meramente ajudantes que de certa forma cooperam com a renda do marido.

Faz-se necessário capacitar essas mulheres para temas além dos considerados do universo feminino, para que as mesmas se empoderem de questões que as fazem estar afastadas de algumas funções, bem como trazer à tona temas que tratem as desigualdades de gênero,

criando oportunidade de se conscientizarem e trabalharem em prol de estabelecer sua atuação dentro do universo da agricultura e do meio ambiente.

As propostas alternativas de desenvolvimento devem ser valorizadas e devemos dar ênfase ao papel que a mulher vem desempenhando nos sistemas produtivos, como na Agroecologia, por exemplo. Fazendo um apanhado histórico, nota-se que as preocupações em inserir as mulheres nas discussões ambientais são consideradas recentes, figurando uma participação interessante no evento Cúpula da Terra, ou como Rio-92 ou ECO-92, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro. A Agenda XXI ou 21 – Plataforma de Ação para o Desenvolvimento Sustentável, tem uma preocupação política de inserção na questão de gênero, uma vez que o capítulo 24 da Agenda diz respeito à esfera de ação entre as mulheres e as questões de gênero mas apresenta limitações quando promove a ideia de caracterizar as mulheres apenas como administradoras domésticas da crise ambiental. Faz-se necessário desenvolver uma visão que perpassa os pressupostos feministas e que permita focar numa visão de mundo baseada na diferença, com isso, poderá ocorrer um fortalecimento do grupo oprimido, problematizando as amarras sociais que as originam, problematizando o que se vem chamando de novas relações com o meio ambiente. Neste sentido, discutir a questão de gênero é de suma importância, uma vez que as mulheres ainda recebem bases salariais menores, ocupando o mesmo cargo.

Faz-se necessária integração dos princípios feminino e masculino, onde isso só se fará possível quando houver a inclusão do feminino que forçará questionarmos a cultura masculina que é baseada no poder da dominação e não da cooperação, isso faria gerar uma convivência harmoniosa e pacífica entre os povos. Modificar os princípios Feminino exige o cuidado, e o cuidado que por sua vez exige ternura, fazendo assim que a intervenção no meio ambiente seja diferente e vise uma nova busca por diferentes formas de convivência no mundo e na relação com o outro.

### **Considerações finais**

O objetivo deste artigo é discutir que é preciso conquistar mais igualdade na distribuição do poder e na superação de desigualdades, fazendo com que as mulheres sejam enxergadas bem como responsáveis também pela manutenção do planeta e da reconstrução de sua própria identidade.

Estabelecer um diálogo entre homens e mulheres é buscar reconstruir e estabelecer um reconhecimento de diferenças incutidas na população e nas responsabilidades delegadas a determinados gêneros na sociedade, na cultura e na civilização.

A partir do momento que compreendermos essa relação e a sua reconstrução de forma harmoniosa, estaremos conseqüentemente estabelecendo esta relação com o meio ambiente, bem como entenderemos o que está ocorrendo no século vigente.

É no espaço familiar que ocorre a projeção da maneira de viver e suas formas de agir, assim, as relações entre homens e mulheres por ter a sua organização constituída no núcleo familiar, esta reflete as formas sociais e culturais existentes no seio da sociedade, sendo assim faz-se necessário romper com esse paradigma buscando a desconstrução desses papéis a partir da educação, onde a capacitação de profissionais da educação, cursos de licenciatura que abordem essas temáticas não de maneira interdisciplinar, mas de maneira integrada no currículo, garantem que esses assuntos possam ser problematizados dentro da instituição escolar e conseqüentemente na formação dos alunos que serão futuros cidadãos atuantes e com participação efetiva nas questões ambientais.

## **Agradecimentos e apoios**

Agradeço a CAPES pelo financiamento de bolsa para a pesquisa como forma de contribuir para a divulgação do conhecimento científico, a todos os meus professores da FFP-UERJ, especialmente a professora da disciplina de Educação Ambiental, Regina Rodrigues Lisbôa Mendes, pelas discussões enriquecedoras que contribuíram para a escrita deste artigo, a William Gomes e Flavia Nascimento pela força dada em cada etapa do mestrado o que torna essencial a minha vontade em prosseguir e a Renato Martins pela motivação e paciência para fornecer auxílio na formatação do artigo.

## Referências

- CASTRO, Mary G. ABROMOVAY, Miriam. Gênero e meio ambiente. São Paulo-Brasília: Cortez-Unesco-Unicef, 1997.
- CLOVER, D.E.; FOLLEN, S.; HALL, B. The nature of transformation. Environmental adult education. Toronto (Ontario): Ontario Institute for Studies in Education/University of Toronto, 2000
- GARCIA, Sandra M. Desfazendo os vínculos naturais entre gênero e meio ambiente. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, v.0, p 163-167, 1992.
- GREENALL GOUGH, A. Education and the Environment: Policy, Trends and the Problems of Marginalization. Australian Review. Austrálie: Australian Council for Educational Research (ACER), v.39, 1997.
- PACHECO, Maria Emilia L. Sistemas de produção: uma perspectiva de gênero. Proposta, Rio de Janeiro, v.25, n71, 1997.
- SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel C. Moura (Orgs.). *Educação Ambiental*. Porto Alegre: Artmed, 2005, p.17-44.
- SHIVA, Vandana. Abrazarla vida: mujer, ecologia e supervivência (trad Ana E Guyer e Beatriz Sosa Martinez) Montevideo. Instituto Del tercer mundo, 1991..
- SILIPRANDI, Emma. Para pensar políticas de formação para mulheres rurais. In: BRACAGIOLI NETO, A. (org.) Sustentabilidade e cidadania: o papel da extensão rural. Porto Alegre: EMATER/RS, 1999. p.175-187 ( Série Programa de formação técnico-social da EMATER/RS).
- SORJ, Bila. O feminino como metáfora da natureza. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, v.0, p.143 a 150, 1992.
- SORRENTINO, Marcos & TRAJBER, Raquel. ONG ECOAR —*Instituto Ecoar para a Cidadania*. São Paulo, março de 1997.
- VIEZZER, Moema (diretora). ONG *Rede Mulher de Educação*. São Paulo, abril de 1997.